

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Rússia acusa Ucrânia de atacar residência de Putin

Negociações de cessar-fogo sofrem revés após ataque negado por Kiev

/ GUERRA DA UCRÂNIA

A Rússia acusou a Ucrânia de ter atacado uma das residências oficiais de Vladimir Putin com 91 drones nesta segunda-feira, um dia depois do encontro entre Volodymyr Zelensky e Donald Trump para discutir um acordo para pôr fim à invasão russa do vizinho.

O presidente ucraniano negou a autoria do ataque direto, como já ocorreu em ocasião anterior em 2022, e disse que os russos usarão o incidente para “atacar edifícios do governo ucraniano”. Segundo observadores militares, bombardeiros Tu-22 já estão sendo armados com mísseis de cruzeiro para tal fim.

Segundo o chanceler Serguei Lavrov disse à mídia russa, os aparelhos foram abatidos na região de Novgorod, próxima a São Petersburgo, a cerca de 600 km da fronteira ucraniana. Não houve danos, disse o diplomata.

Lavrov prometeu uma “dura retaliação” e disse que a ação irá provocar uma mudança na posição da Rússia nas negociações comandadas pelo presidente americano, que por ora não ultrapassaram as inflexibilidades de lado a lado.

“Vamos continuar negociando”, disse, antecipando as críticas que receberá e a acusação de Kiev de que o ataque foi de “falsa bandeira”, ou seja, uma fabricação para culpar o adversário.

A residência atacada segundo os russos é um antigo complexo com três datchas, as famosas casas de campo que quase toda família russa mais abastadas têm. Ele é conhecido pelo apelido de Dolgie Borodi (barbas longas, em



Kremlin informou que Putin estava em reunião com seus generais

russo) ou por Valdai, nome do lago em que fica às margens.

É uma das regiões favoritas de Putin, natural de São Petersburgo, com vegetação bastante densa. O complexo é usado principalmente como casa de férias de verão e tem espaço para 320 hóspedes. O paradeiro exato do presidente, costuma ser disfarçado salvo em agendas oficiais.

Ele passa boa parte do tempo nos arredores da capital, em sua residência principal, mas tem diversos palácios à sua disposição pelo país. Segundo imagens do Kremlin, Putin estava em Moscou, comandando uma reunião com seus principais generais, que lhe pintaram um quadro positivo acerca dos ganhos da guerra neste ano.

Chamou a atenção a determinação explícita de Putin para que os militares se concentrem para tomar a capital homônima da província de Zaporíjia, no Sul do país. Ela é uma das quatro áreas anexadas ilegalmente por Putin em 2022, e na cúpula que teve com Trump em agosto foi aventada a hipóte-

se de o russo se satisfazer com os 75% que já ocupa dela - proporção semelhante à da vizinha Kherson, também incorporada.

Nos debates até aqui, o foco estava na mais valiosa estratégia: Donetsk, a Leste, onde tropas russas controlam 80% do local. Zelensky se recusa a perder os 20% que ainda têm, exigência reiterada nesta segunda pelo Kremlin. Já os americanos tentam uma solução salomônica, criando uma zona desmilitarizada.

Não foi a primeira ação direta contra um imóvel associado a Putin na guerra. Em 2022, os ucranianos causaram furor com um dos primeiros ataques a drone a Moscou, quando dois aparelhos explodiram sobre o Kremlin na noite de 3 de maio.

Não houve vítimas e o presidente não estava presente, mas o governo russo chamou o caso de terrorismo. Kiev nunca assumiu a autoria, amplamente creditada a seus ativos serviços de segurança, inclusive pelos aliados americanos.

Zelensky diz que EUA ofereceram garantias de segurança

Os EUA ofereceram à Ucrânia garantias de segurança por um período de 15 anos como parte de um plano de paz proposto, disse o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, nesta segunda-feira, após o encontro com o presidente americano, Donald Trump.

Apesar da sinalização, Zelensky afirmou que prefere um compromisso americano de até 50 anos para dissuadir a Rússia

de novas tentativas de tomar o território do país à força. “Sem garantias de segurança, realistamente, esta guerra não terminará”, disse o líder ucraniano a repórteres em mensagens de voz respondendo a perguntas enviadas via chat no WhatsApp.

Os detalhes das garantias de segurança não foram divulgados, mas Zelensky acrescentou que incluem como um acordo de paz seria monitorado, bem

como a “presença” de parceiros. Ele não elaborou, mas a Rússia afirmou que não aceitará o envio de tropas de países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) na Ucrânia.

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, pontuou que o presidente russo, Vladimir Putin, e Trump devem conversar em breve, mas não há indicação de que o líder russo falaria com Zelensky.

Na Flórida, Trump e Netanyahu debatem plano sobre Gaza

/ GUERRA

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, recebeu o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, na tarde de ontem, em sua propriedade em Mar-a-Lago, na Flórida, para avançar as discussões sobre o plano americano para a Faixa de Gaza.

Neste momento, as conversas sobre a fórmula trumpista para o território palestino estão travadas e o presidente americano pressionou Netanyahu para acelerar o processo. Até agora, o cessar-fogo entre Israel e o grupo terrorista Hamas se manteve, apesar de acusações de violações dos dois lados, mas existem divergências sobre o caminho a seguir.

A primeira fase da trégua começou em outubro, dias após o aniversário de dois anos dos ataques terroristas do Hamas de 7 de outubro de 2023, que deixou 1,2 mil mortos e 251 sequestrados. Nesta fase do acordo, milhares de prisioneiros palestinos foram libertados em troca dos 20 reféns israelenses vivos e dezenas de corpos dos sequestrados. O corpo de um refém israelense permanece em Gaza e terroristas do Hamas e da Jihad Islâmica apon tam que seguem procurando.

Israel alega que só irá permitir o início da segunda fase após a devolução do corpo do último

refém, mas as negociações já começaram. O plano de 20 pontos de Trump - que foi aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU - estabelece uma visão ambiciosa para acabar com o domínio do Hamas em Gaza.

A segunda fase da fórmula de Trump permitiria a reconstrução da Faixa de Gaza sob supervisão internacional de um grupo presidido por Trump e conhecido como Conselho da Paz. Os palestinos formariam um comitê tecnocrático e apolítico para administrar os assuntos diários em Gaza, sob supervisão do Conselho da Paz.

Já o Hamas seria desmilitarizado e não faria parte da governança do território palestino. Um aparato de segurança chamado Força de Estabilização Internacional seria criado para manter a ordem em Gaza, mas existem dúvidas sobre quais países enviariam tropas para o território palestino, devido a temores de possíveis confrontos diretos com o grupo terrorista, que recusa o desarmamento.

O Conselho da Paz supervisionaria a reconstrução de Gaza sob um mandato da ONU de dois anos, que pode ser renovado. Esperava-se que seus membros fossem nomeados até o fim do ano e talvez até fossem revelados após a reunião desta segunda-feira, mas o anúncio poderia ser adiado para o próximo mês.

EUA reduz valor e promete US\$ 2 bi para ajuda humanitária da ONU

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Os Estados Unidos anunciaram nesta segunda-feira uma promessa de US\$ 2 bilhões para ajuda humanitária da Organização das Nações Unidas (ONU), enquanto a administração do presidente americano, Donald Trump, continua a cortar a assistência externa dos EUA e alerta as agências da própria organização para “se adaptarem, encolherem ou morrerem” em um momento de novas realidades financeiras.

A promessa do valor cria um fundo guarda-chuva do qual o dinheiro será distribuído para agências e prioridades individuais, uma parte chave das exigências dos EUA por mudanças drásticas em todo o corpo mundial, que alarmaram muitos tra-

balhadores humanitários e levaram a reduções severas em programas e serviços.

Os US\$ 2 bilhões são apenas uma pequena parte do financiamento humanitário tradicional dos EUA para programas apoiados pela ONU, que chegaram a até US\$ 17 bilhões anualmente nos últimos anos, de acordo com dados da ONU. Autoridades dos EUA dizem que apenas US\$ 8 a US\$ 10 bilhões disso foram em contribuições voluntárias. Os Estados Unidos também pagam bilhões em anuidades relacionadas à sua adesão à ONU.

Críticos dizem que os cortes na ajuda ocidental têm sido “míopes”, levando milhões à fome, deslocamento ou doença, e prejudicando o poder brando dos EUA ao redor do mundo.